

## A TEORIA DA REVOLUÇÃO PROLETÁRIA EM OTTO RÜHLE

Nildo Viana\*

\* Professor da Faculdade de Ciências Sociais/UFG; Doutor em Sociologia/UnB.

Otto Rühle (1874-1943) foi um dos principais representantes do chamado “comunismo de conselhos”. Suas obras são relativamente pouco conhecidas. Dentro os chamados comunistas de conselhos, Anton Pannekoek, Karl Korsch e Paul Mattick foram os que tiveram maior número de obras publicadas e divulgação, embora ainda de forma precária e hoje começam a ser retomados de acordo com as novas tendências das lutas sociais que fazem os indivíduos buscarem nas antigas ideias, respostas para as necessidades presentes<sup>17</sup>. Um dos motivos disso se deve ao período de vida de Rühle, pois morreu em 1943, enquanto que os demais morreram em torno dos anos 1960. Rühle publicou livros sobre Marx, psicologia infantil, lutas operárias. O nosso objetivo aqui é apenas apresentar sinteticamente sua teoria da revolução proletária, que é distinta da revolução burguesa, segundo a análise que ele faz e que assume grande importância para explicar suas concepções.

Otto Rühle, que militou na socialdemocracia alemã até aproximadamente 1914 e passou a ser um dos mais destacados militantes do Partido Comunista Alemão (KPD), ao lado de Rosa Luxemburgo<sup>18</sup>, e depois de mais esta desilusão se torna um dos fundadores do Partido Comunista Operário da Alemanha (KAPD), que “não é um partido político propriamente dito”, tal como diz seu documento de fundação, escrito por Rühle. Em breve ele é expulso desse “partido” após voltar da Rússia onde havia ido para um Congresso em que deveria articular com a oposição ao bolchevismo e voltou antes desse começar, após uma conversa com Lênin (1989), que lhe apresentou o livro *O Esquerdismo, A Doença Infantil do Comunismo* e leu alguns trechos. Rühle voltou e escreveu um “Informe sobre Moscou” (Rühle, 2004a) e, depois, “Moscou e Nós” (Rühle, 2004b), onde descreve o sistema autoritário bolchevique e seu centralismo rígido,

<sup>17</sup> Isso não tem nada de problemático desde que não seja feito de forma *dogmática*. Assim, o marxismo tem que ser antidogmático, como já colocava Korsch (1977; Viana, 2012a).

<sup>18</sup> Rosa Luxemburgo estava na direção do partido com seu grupo Liga Spartacus, mas Otto Rühle e seu grupo era quem detinha a hegemonia no partido, mas, apesar de certa vez tê-la acusado de “oportunista”, não queria a direção e dizia confiar nela e sua ação política, independentemente das divergências. Rosa Luxemburgo tinha algumas dificuldades em romper com certos aspectos da socialdemocracia, devido sua

culto à autoridade, etc.

A produção teórica de Rühle pode ser melhor compreendida no contexto social e histórico na qual brotou. O início de sua produção se deu no interior da socialdemocracia, como quase todos os militantes influenciados pelo que era chamado “marxismo” na época. Esta era a época na qual as lutas operárias pela redução da jornada de trabalho, a Comuna de Paris, entre outras formas de luta, provocaram uma crise do capitalismo liberal fundado no regime de acumulação extensivo que foi substituído pelo capitalismo oligopolista fundado no regime de acumulação intensivo<sup>19</sup>. No capitalismo oligopolista, o imperialismo fundado na exportação de capital-dinheiro, a expansão do taylorismo e a emergência do Estado Liberal-Democrático abre uma nova fase da luta de classes. A burguesia, devido ascensão das lutas operárias, cedeu a redução da jornada de trabalho (que significa diminuição da extração de mais-valor absoluto), a legalização de partidos e sindicatos, e em compensação buscou implantar o taylorismo e aumentar a extração de mais-valor relativo, e a integração dos partidos na democracia partidária (que substituiu a democracia censitária) promoveu sua burocratização e corrupção (Michels, 1981), bem como processo semelhante com sindicatos. Isso, junto com uma breve e relativa estabilidade do capitalismo, promoveu a hegemonia da socialdemocracia reformista junto aos trabalhadores.

O marxismo se transformou em ideologia, ou seja, em pseudomarxismo, tal como colocou Korsch (1977). Porém, havia uma dissidência no interior da socialdemocracia, representada por Rosa Luxemburgo e Liga Spartacus na Alemanha, onde outros grupos dissidentes vão emergir, e por Pannekoek e Gorter, entre outros, na Holanda, e em alguns outros países. Otto Rühle participava da socialdemocracia, mas logo torna-se um dos principais articuladores da dissidência, através do IKD, Comunistas Internacionalistas, considerado uma corrente do radicalismo comunista alemão. Nesse contexto, há uma nova crise do capitalismo oligopolista, que além da Primeira Guerra

formação intelectual, vínculos afetivos, etc., mas foi avançando e superando alguns aspectos, sem chegar a radicalidade de Rühle e dos comunistas de conselhos em geral, graças à sua morte prematura (Viana, 2012b).

<sup>19</sup> Para uma definição de regime de acumulação e caracterização destas fases, consulte-se Viana (2009); Viana (2003).

Mundial e de suas consequências, tinha que enfrentar um movimento operário cada vez mais radical e que já havia despontado na Rússia em 1905 e principalmente 1917, com a criação dos soviets (conselhos operários) que acabam se alastrando por outros países nos anos seguintes, tal como Itália, Hungria e Alemanha. O regime russo logo se burocratiza e ao invés do socialismo se implanta um capitalismo estatal, com suas produções ideológicas (bolchevismo, stalinismo, etc.) influenciando a esquerda europeia, com dissidências internas e externas.

É a partir dessa época que a maior parte da obra de Rühle será produzida e que abordaremos aqui. Rühle sempre ficou ao lado das alas mais à esquerda e por isso ao superar sua participação no KPD (Partido Comunista Alemão), ajuda a construir o KAPD (Partido Operário Comunista da Alemanha), como “partido não-partido”, uma organização revolucionária não-burocrática e antiparlamentarista, até se desvincular dele devido sua nova posição da necessidade de uma organização geral e unitária dos trabalhadores.

Assim, a partir da emergência dos conselhos operários no bojo da Revolução Alemã e do KAPD, e as uniões operárias que aglutinavam os conselhos, e sua experiência na Rússia, ele clareou sua concepção de revolução proletária e escreveu alguns textos de crítica ao bolchevismo e aos partidos políticos em geral, bem como sobre o que ele denominava “sistema de conselhos” e revolução proletária. Vamos apresentar uma breve síntese de suas teses políticas a respeito da revolução burguesa e da revolução proletária.

### ***A Revolução Burguesa***

Um dos temas que Rühle mais trabalhou em seus escritos políticos foi a revolução burguesa. Sem dúvida, a sua preocupação básica era diferenciar revolução burguesa e revolução proletária, ao que dedicou alguns textos e isto principalmente depois da consolidação do capitalismo

de Estado russo.

Otto Rühle descreve diversas revoluções burguesas e a emergência de uma nova sociedade, em várias regiões. Dentre essas revoluções burguesas, “a mais espetacular de todas”, “teve lugar na França. Não tem igual na sua força, no seu caráter de classe e na sua importância histórica” (Rühle, 1975a, p. 60).

A Rússia realizou uma revolução burguesa tardia. As revoluções burguesas colocam em primeira linha a classe burguesa, classe mais ou menos consciente de sua missão histórica. Porém, nas revoluções burguesas outras classes atuam, tal como o campesinato e o proletariado.

A circunstância do estrato proletário tomar também parte, maior ou menor, na luta revolucionária não se considera para determinar a natureza histórica da revolução. Mesmo quando o proletariado está já formado como classe e marcha na revolução com os seus próprios objetivos políticos de classe – talvez de fato influencie consideravelmente o seu desenvolvimento ou mesmo o controle – nada se altera na natureza histórica da revolução. A mistura proletária fraca ou forte numa revolução burguesa pode retardar ou acelerar, às vezes defletir ou perturbar, a sua realização. Pode ocultar temporariamente ou deformar a sua face; pode afetar ou ameaçar o seu êxito, mas não faz qualquer diferença quanto à essência da revolução, ao seu conteúdo socioeconômico. Tanto no Estado burguês como no exército, os trabalhadores formam o contingente mais forte, fazem um grande grupo de classe – e, no entanto, ninguém se deixa tentar, nesse caso, a chamar proletário o Estado burguês ou a falar de um exército proletário. Mesmo o Exército Vermelho da Rússia Soviética, constituído só por camponeses e operários, é uma máquina militar construída no modelo burguês e funcionando de acordo com as leis políticas do Estado burguês, que só a demagogia política, para iludir, pode descrever como exército “proletário” (Rühle, 1975a, p. 68).

Os estratos proletários nas revoluções burguesas sempre

aparecem a reboque da burguesia. Às vezes como mercenários ou simpatizantes, às vezes como retaguarda ou auxiliares. Nas revoluções burguesas iniciais, o proletariado ainda não estava plenamente desenvolvido como classe e por isso não podia assumir um papel revolucionário de primeira grandeza. A sua emergência de forma mais radical, nas primeiras revoluções burguesas, ocorreu na França. Outro caso foi o da revolução russa. Nessa, no seu contexto social e histórico, não se podia pensar da mesma forma que as demais revoluções. Ela “só podia ser uma revolução burguesa”, pois “tinha que se ver livre do czarismo, suavizar o caminho do capitalismo e ajudar a burguesia a instalar-se politicamente” (Rühle, 1975a, p. 69).

Através de uma rara cadeia de circunstâncias a burguesia encontrou-se sem posição para desempenhar o seu papel histórico. O proletariado, subindo para o palco em seu lugar, fez-se a si mesmo, num momento, o senhor da situação, por um dispêndio de energias sem precedentes, ousadia e presteza tática e inteligência, mas no período seguinte caiu numa situação fatal (Rühle, 1975a, p. 69).

Os bolcheviques tomaram o poder estatal e realizaram uma política antissocialista. O seu primeiro ato foi a paz de Brest-Litovsk, “foi um ato de política burguesa”, pois foi um tratado assinado com um governo capitalista. Os bolcheviques permitiram a distribuição de grandes propriedades territoriais aos camponeses. “O socialismo, porém, não devia começar com a introdução, mas sim com a eliminação da propriedade privada” (Rühle, 1975a, p. 70-71)<sup>20</sup>.

A distribuição de terras, a política industrial, o exército burocrático sob o comando de Trotsky, o Galifet da Revolução bolchevique<sup>21</sup> são todas ações típicas de um governo burguês. Também é impressionante a ditadura dos líderes do Partido Comunista que é apresentada como ditadura do proletariado. “A revolução russa foi e é uma revolução burguesa, nem mais nem menos” (Rühle, 1975a, p. 74).

<sup>20</sup> Além disso, coloca Rühle em outro texto, “a abolição da propriedade privada não garante por si só o socialismo. A propriedade privada pode ser abolida no quadro do capitalismo. O que determina de fato uma sociedade socialista é, além da abolição da propriedade

Rühle apresenta as principais instituições burguesas contrarrevolucionárias. A primeira dessas instituições é o Estado burguês, necessário para manter a dominação burguesa. A classe capitalista, ao arrancar o poder ao feudalismo, constitui sua própria organização estatal que passa a agir de acordo com suas necessidades, interesses e desejos. Tal Estado é autoritário. A centralização da produção capitalista atinge o Estado burguês: “todas as forças do governo se concentram num ponto, aí recebem as suas ordens e a seguir recuam centrifugamente” (Rühle, 1975a, p. 77).

O parlamento é outra instituição burguesa que existe para reproduzir a sociedade burguesa, criando um espaço de aparente manifestação de diferentes interesses. O parlamento precisa dos partidos e estes dele<sup>22</sup>.

Todas as organizações burguesas são basicamente organizações administrativas que requerem uma burocracia para funcionar. Assim é o partido, dependente da máquina administrativa servida por uma direção profissional paga. Os *leaders* são funcionários administrativos e, como tal, pertencem a uma categoria burguesa. Os *leaders*, isto é, funcionários, são pequeno-burgueses, não proletários (Rühle, 1975a, p. 88).

Nesse momento, Rühle faz uma distinção entre líderes pagos, profissionais, de hábitos e modos de pensar burgueses, e líderes que se destacam por suas qualidades intelectuais, morais, etc. e por isso não se deveria confundir estes dois tipos de intelectuais e atacar ambos indistintamente e a história mostrou, através dos exemplos de Marx, Bakunin e Rosa Luxemburgo, que existem intelectuais distintos dos burgueses. Rühle também questiona a ideia de “partido revolucionário”, sendo que em outra oportunidade colocou que os partidos são contrarrevolucionários:

A revolução não é uma questão de partido. Os três

privada dos meios de produção, a gestão pelos operários dos produtos do seu trabalho e o fim do salariedade” (Rühle, 1978, p. 264).

<sup>21</sup> Rühle compara Trotsky e o massacre de Kronstadt com *Galifet*, considerado o “carniceiro da Comuna”, devido o massacre dos comunardos sob suas ordens.

<sup>22</sup> “Um partido precisa do parlamentarismo, tal com o parlamento precisa dos partidos. Conservar o partido significa conservar o parlamento e com ele conservar o poder burguês” (Rühle, 1975a, p. 86).

partidos socialdemocratas têm a loucura de considerar a revolução como a sua própria tarefa de partido e de proclamar a vitória da revolução como o seu objetivo de partido. A revolução é a tarefa política e econômica da totalidade da classe operária. Só o proletariado como classe pode conduzir a revolução à vitória. Tudo mais é superstição, demagogia, charlatanice política (Rühle, 1975b, p. 161)<sup>23</sup>.

Rühle não poupa os sindicatos: “o que foi dito acerca dos partidos, dos *leaders* partidários e das táticas partidárias aplica-se ainda melhor aos sindicatos” (Rühle, 1975a, p. 93). A eliminação do capitalismo nunca foi objetivo dos sindicatos e este sistema econômico sempre foi considerado algo dado para eles. Se nos seus primeiros momentos os sindicatos tiveram um papel importante na luta operária, isso não ocorre mais. Contratos, negociação, acordos, são os elementos que existem na política sindical. Uma clique<sup>24</sup> de funcionários e *leaders* tomaram conta dos sindicatos e os operários não participam mais de sua vida.

Os sindicatos tornaram-se, portanto, com o decorrer do tempo, órgãos da charlatanice social pequeno-burguesa, cujo valor para o operário se reduziu a nada, uma vez que sob a pressão da desvalorização do dinheiro e da miséria econômica, a solvência de todos os fundos de assistência foi anulada. Mas mais ainda: em consistência lógica com a tendência para a comunidade de interesses entre capital e trabalho, os sindicatos desenvolveram-se no sentido de órgãos auxiliares dos interesses econômicos capitalistas-burgueses, e, portanto, da exploração e da obtenção de lucros. Tornaram-se os mais leais escudeiros da classe burguesa, as mais seguras tropas de proteção para a finança (Rühle, 1975a, p. 98).

Rühle descreve a ação contrarrevolucionária dos sindicatos na Revolução Alemã e sua oposição aos conselhos operários e outras formas de auto-organização dos trabalhadores. Eles foram transformados de

<sup>23</sup> Aqui o pensamento de Rühle retoma, sem ter a pretensão disso, a tese básica de Marx da autoemancipação proletária.

<sup>24</sup> Clique é um termo pouco usado no Brasil e com uma frequência um pouco maior em Portugal com o significado acima. No sentido sociológico, é um grupo social excessivamente exclusivista, com poucos membros, que restringe a entrada de outras pessoas, sendo equivalente ao que é chamado, nas representações cotidianas, como “panelinha”, “igrejinha”, ou “clube do bolinha”.

“armas dos trabalhadores” em “armas contra os trabalhadores”. Por isso qualquer pretensão de revolucionar os sindicatos é uma ação ridícula e impossível<sup>25</sup>. Mudar o pessoal nada muda. Rühle encerra sua discussão sobre os sindicatos com a seguinte conclusão: “tais instituições, geralmente perigosas e contrarrevolucionárias, inimigas dos trabalhadores, só podem ser destruídas, aniquiladas, exterminadas” (Rühle, 1975a, p. 99).

### ***A Revolução Proletária***

Rühle, em seus escritos políticos, buscou efetivar uma luta constante contra a burocracia e as influências burguesas. Daí o seu foco na revolução proletária como distinta da revolução burguesa. O Estado e o parlamento não são instrumentos para a transformação social, como querem os reformistas e nem partidos e sindicatos, como querem alguns “ditos” revolucionários. Segundo Rühle,

A revolução proletária é, em extensão, conteúdo, tendências, táticas de luta e objetivos, completamente diferente da revolução burguesa. É a revolução social e encontra a sua conclusão com o estabelecimento de um socialismo sem chefes, sem Estado e sem autoridade (Rühle, 1975a, p. 56).

A concepção tradicional (e não marxista) pensa a revolução através do partido, sindicatos, conquista ou uso do Estado e parlamento. Isto tudo foi recusado por Rühle como sendo estratégia burguesa, política burguesa. Da revolução burguesa à revolução proletária há muita distância e diferença. Porém, quais são as formas da luta proletária pela instituição da autogestão social, ou, como diz Rühle, pelo socialismo? Já que houve um afastamento do partido, sindicatos, parlamento, por um setor considerável do proletariado durante a Revolução Alemã, então como se

<sup>25</sup> “Seguindo os conselhos de Lênin, os comunistas tentaram todos os métodos possíveis para reformar os sindicatos. O resultado foi nulo. Nula igualmente a sua tentativa para constituir os seus próprios sindicatos. A concorrência sindical entre socialdemocratas e bolcheviques era uma concorrência na corrupção” (Rühle, 1978, p. 274);

dá a luta revolucionária do proletariado?

Ao princípio parecia no ar, não muito claramente, a solução positiva, que só ganhou forma com o tempo, no decurso de muitas lutas e discussões. O sindicato revolucionário dos operários americanos, IWW, surgiu como modelo, embora só conhecido de poucos. A juntar a isto, precisamente no período revolucionário, a ideia do sistema de conselhos, que desempenhara um grande papel na Rússia, começava a ser avidamente discutida e situava-se no centro de todas sugestões práticas e tentativas de socialização. As greves “selvagens” que rebentaram por toda a parte e eram desencadeadas contra a vontade dos sindicatos, deram lugar à eleição de comitês de ação revolucionária, aos quais em breve se seguiram conselhos operários revolucionários. Finalmente, o movimento cresceu, primeiro na região do Ruhr entre os mineiros, no sentido da luta por organizações de fábricas revolucionárias (BOs)<sup>26</sup>. Estas BOs, agrupadas localmente e mais tarde unidas por áreas econômicas numa organização unitária de conselhos, em breve se tornaram a ideia principal e o objetivo primário do movimento que fluiu para a União como novo veículo organizacional da vontade de luta dos trabalhadores revolucionários. Não decidida nas sedes oficiais dos *leaders*, não transmitida pela propaganda aos operários como uma invenção sutil, mas nascida como uma criação elementar do solo das lutas mais vigorosas e sérias, em breve tornou independente como objeto dos mais acesos conflitos de opinião e debates, no centro do movimento revolucionário (Rühle, 1975a, p. 108).

<sup>26</sup> BO = *Betrieb Organization*, organização de fábrica, conselho de fábrica.

O movimento das uniões operárias é um movimento econômico, pois somente na fábrica o operário é um proletário. Fora da fábrica, seu modo de pensar e sentir é burguês, é dominado pela ideologia pequeno-burguesa, é educado pela escola burguesa, no casamento reproduz a vida burguesa na relação com a mulher e os filhos, a família se torna uma mônada egoísta. Na fábrica é outra pessoa, deve se defrontar com o capitalista, face a face. E é da fábrica que brota os conselhos de fábrica ou

BOs. Elas são federativas e sem centralismo, seus membros são autônomos e independentes. Elas controlam a si mesmas. Não é partido nem sindicato, não faz contratos nem é uma instituição. Partidos e sindicatos se organizam através do centralismo, da burocracia. As organizações de fábrica possuem outra lógica. A sua organização se dá pela auto-organização e decisão coletiva, bem como pela escolha de delegados para efetivar as decisões tomadas. Os delegados se reúnem com os delegados de outras organizações de fábricas para manifestar as decisões da sua própria organização. As organizações de fábrica se reúnem numa organização maior e mais forte, que é a União Operária. Esta une as organizações regionais de fábrica e é centralista e federalista. “Aí reside a grande superioridade da União Operária sobre todas as outras organizações. É mais completa do que qualquer associação meramente federalista ou meramente centralista”, pois cria uma síntese entre federalismo e centralismo, “é ambas sem as desvantagens de nenhuma delas” (Rühle, 1975a, p. 113).

Otto Rühle apresenta os princípios da primeira União Operária que surgiu em 1921 na Saxônia:

1. A AAU é a organização política e econômica integrada do proletariado revolucionário.
2. A AAU luta pelo comunismo, pela socialização da produção, das matérias-primas, meios e energia e dos bens necessários produzidos com elas. A AAU pretende estabelecer a produção e distribuição planificadas em lugar dos atuais métodos capitalistas.
3. O objetivo último da AAU é a sociedade sem dominação: a via para este alvo é a ditadura do proletariado como classe. A ditadura do proletariado é o exercício exclusivo da vontade dos trabalhadores para o estabelecimento político-econômico da sociedade comunista por meio da organização dos conselhos.
4. As tarefas imediatas da AAU são: a) esmagar os sindicatos e os partidos políticos, esses obstáculos principais à unificação da classe proletária e ao avanço da revolução social, que não pode ser assunto para partidos nem sindicatos. b) O agrupamento do

proletariado revolucionário nas fábricas, o embrião da produção, a base da sociedade futura. A forma desse agrupamento é a organização de fábrica (BO). c) O desenvolvimento da autoconsciência operária e no sentido de solidariedade. d) Preparar todas as medidas necessárias à construção política e econômica.

5. A AAU rejeita todo o reformismo, métodos oportunistas de luta; volta as costas a toda a participação parlamentarista e aos conselhos operários legalizados, pois estes representam uma sabotagem à ideia dos conselhos.

6. A AAU renuncia fundamentalmente ao dirigismo profissional. Os chamados *leaders* só podem ser considerados traidores.

7. Todas as funções da AAU são honorárias.

8. A AAU vê a luta da libertação do proletariado não como uma questão nacional, mas internacional. Portanto, a AAU trabalha pela reunião do proletariado revolucionário do mundo numa “Internacional Conselhistas” (Rühle, 1975a, p. 115).

A ideia que perpassa a União Operária é que a transformação radical do capitalismo em comunismo se dá via expropriação dos meios de produção, que só pode se completar através da ditadura do proletariado, ou seja, do conjunto da classe. “O instrumento da transformação é o sistema de conselhos revolucionários”, este, organizado na União, antecipa os traços da futura sociedade fundada nestas formas de auto-organização. Eles trazem a necessidades de novas táticas e ações. Fazem a ponte entre a luta revolucionária e a sociedade comunista do futuro.

Assim, Rühle recorda Marx e a Comuna de Paris como precursores da ideia do sistema de conselhos. A Comuna foi a primeira manifestação histórica de quebra do poder estatal. Da mesma forma, Marx anunciava, em sua análise da Comuna e outros textos, a necessidade de abolição do poder estatal. Estas seriam fontes para se pensar a futura sociedade comunista.

Segundo Rühle:

O sistema dos conselhos é a organização do proletariado correspondente à natureza da luta de classes, como da futura sociedade comunista. Se Marx disse que a classe operária não podia simplesmente tomar a máquina governamental do Estado capitalista, mas tem que encontrar a sua própria forma para realizar a tarefa revolucionária, este problema resolve-se na organização dos conselhos (Rühle, 1975a, p. 121).

Assim, Otto Rühle realiza uma análise da revolução burguesa e sua diferença em relação à revolução proletária para mostrar a essência desta última e, por conseguinte, que os métodos e práticas devem ser radicalmente diferentes dos realizados pelas revoluções burguesas, incluindo a revolução bolchevique. O bolchevismo teria até mesmo um parentesco com o fascismo, tal como Rühle coloca em seu texto *A Luta contra o Fascismo começa com a Luta Contra o Bolchevismo*. Esse parentesco viria de várias posições semelhantes (nacionalismo, autoritarismo, regime ditatorial, etc.).

A tese da organização unitária defendida por Rühle não foi unânime no interior da esquerda revolucionária alemã e no comunismo de conselhos. Hermann Gorter defendia a necessidade de uma organização política revolucionária para reforçar a luta das uniões operárias e outras tarefas que elas não poderiam, num primeiro momento, executar (Lefevre, 2008; Mattick, 1976). As organizações de fábrica, nessa abordagem, deveriam conviver com uma organização revolucionária, enquanto que, para Rühle, esta era dispensável. E assim, uma das Uniões Operárias ficou como organização unitária, sem vínculo com o KAPD e a outra manteve vínculos com ele, expressando as duas posições.

### **Considerações Finais**

Depois dessa síntese do pensamento de Otto Rühle sobre a revolução proletária<sup>27</sup> podemos fazer algumas observações críticas. A sua

<sup>27</sup> Que remete, em sua

análise das organizações burguesas e burocráticas é correta e a eclosão do movimento revolucionário do proletariado facilitou essa percepção, o que foi reforçado pela contrarrevolução burocrática na Rússia. Da mesma forma, sua análise das formas de auto-organização do proletariado (organizações de fábrica, conselhos operários, uniões operárias) é fundamental para se pensar as formas de autoemancipação do proletariado. A sua crítica ao bolchevismo e aos partidos (em geral, inclusive os de esquerda), também são fundamentais.

Contudo, alguns pontos do pensamento de Rühle são problemáticos e por isso ele foi acusado de “economicismo” ao focalizar apenas as lutas nas unidades de produção. O trabalhador estaria dominado pelo espírito burguês fora das fábricas e lá, devido ao conflito de classe direto, assumiria posições mais avançadas. Essa é uma possibilidade, embora seja uma tendência, existem contratendências que são outras determinações que podem ser obstáculos para a concretização disso. A luta de classes se revela mais complexa e por isso outros comunistas de conselhos se atentaram para a questão da consciência, tal como Korsch e Pannekoek, e outro para a questão da organização revolucionária no sentido de apoiar a luta proletária, como Gorter.

Obviamente que, no bojo de uma ascensão revolucionária do proletariado, então a ênfase de Rühle é compreensível, mas, mesmo assim, a análise da totalidade da luta de classes é fundamental, inclusive para que o processo de derrota da revolução proletária não ocorra é preciso lutar em várias frentes simultaneamente<sup>28</sup>. Nesse sentido, a obra de Rühle é fundamental, mas é preciso ser percebida criticamente, no sentido do marxismo não-dogmático proposto por Karl Korsch (Korsch, 1977; Viana, 2012a). A teoria da revolução proletária de Otto Rühle é um bom ponto de partida que, incluindo os elementos ausentes de sua análise, fornecem mais uma contribuição para se pensar as lutas sociais contemporâneas e o processo de luta pela transformação radical da sociedade capitalista. Para isso, também se faz necessário entender as contradições atuais do capitalismo – e seria um retorno do dogmatismo querer retomar o

concepção, a uma comparação com a revolução burguesa, no sentido de mostrar as diferenças entre ambas e o movimento revolucionário do proletariado abandonar as armas de luta da burguesia: Estado, parlamento, partidos, sindicatos.

<sup>28</sup> Tal como coloca Korsch, a luta revolucionária deve ser “desenvolvida em todos os setores da realidade social contra a totalidade da realidade social atual” (Korsch, 1973, p.132).

comunismo de conselhos em sua pureza original e desconsiderar as mudanças históricas e sociais e seus efeitos nas lutas de classes na contemporaneidade. Tal como coloca Paul Mattick:

As mais poderosas coações sobre os homens são verdadeiramente irrisórias se comparadas com as formidáveis contradições que dilaceram o mundo de hoje. Otto Rühle tinha razão ao indicar que as atividades que fariam descer o prato da balança social a favor do socialismo não seriam descobertas por meio de métodos ligados às atividades anteriores nem às organizações sociais tradicionais. Deviam ser descobertas no seio das relações sociais em transformação, que são ainda determinadas pela contradição entre as relações capitalistas de produção e a direção do movimento das forças produtivas da sociedade. Descobrir estas relações, isto é reconhecer a revolução a partir das realidades de hoje será a tarefa dos que continuarem a avançar segundo o espírito de Otto Rühle (Mattick, 1976, p. 138).

Essa é uma síntese que avança. Porém, hoje é preciso ir além dela também. As formas de repressão e coerção são enormes e mudaram, precisam ser compreendidas e atacadas. Porém, as formas de pseudestesia de alegria ou as ilusões consumistas ou conformistas, o ataque às utopias, o microrreformismo e processos de cooptação de amplos setores sociais, também devem ser consideradas, no contexto de uma análise totalizante do capitalismo contemporâneo, que vive sob a dinâmica da acumulação integral (Viana, 2009). Assim, a contribuição de Rühle é reforçada por outras contribuições e por sua concretização na historicidade do capitalismo contemporâneo, aumentando seu poder explicativo e potencial revolucionário.

## Referências

KORSCH, Karl. El Joven Marx como Filósofo Activista. In: SUBIRATS, Eduardo e outros. **Karl Korsch o el Nacimiento de una Nueva Época**. Barcelona, Anagrama, 1973.

KORSCH, Karl. **Marxismo e Filosofia**. Porto, Afrontamento, 1977.  
LEFEUVRE, René. **Mas Allá del Partido**. *Evolucion del Concepto de “Partido” desde Marx*. Madrid, Spartacus, 2008.

LÊNIN, W. **Esquerdismo, Doença Infantil do Comunismo**. 6ª edição, São Paulo, Global, 1989.

MATTICK, Paul. Otto Rühle. In: MATTICK, Paul. et al. **Comunistas de Conselhos**. Coimbra, Centelha, 1976.

MICHELS, Robert. **Sociologia dos Partidos Políticos**. Brasília, UnB, 1981.

RÜHLE, Otto. A Luta Contra o Fascismo Começa pela Luta contra o Bolchevismo. In: KORSCH, Karl et. al. **A Contra-Revolução Burocrática**. Coimbra, Centelha, 1978.

\_\_\_\_\_. A Revolução não é Tarefa de Partido. In: AUTHIER, Denis (org.). **A Esquerda Alemã (1918-1921)**. “Doença Infantil ou Revolução?”. Porto, Afrontamento, 1975b.

\_\_\_\_\_. **Da Revolução Burguesa à Revolução Proletária**. Porto, Publicações Escorpião, 1975a.

\_\_\_\_\_. Informe sobre Moscú. In: APPEL, Jan et al. *Ni Parlamento Ni Sindicatos: ¡Los Consejos Obreros!* Los Comunista de Izquierda en la Revolución Alemana. Madrid, Ediciones Espartaco Internacional, 2004a.

\_\_\_\_\_. Moscú y Nosotros. In: APPEL, Jan et al. **Ni Parlamento Ni Sindicatos: ¡Los Consejos Obreros!** Los Comunistas de Izquierda en la Revolución Alemana. Madrid, Ediciones Espartaco Internacional, 2004b.

VIANA, Nildo. **Estado, Democracia e Cidadania**. Rio de Janeiro, Achiamé, 2003,

\_\_\_\_\_. **Karl Korsch e a Concepção Materialista da História**. Florianópolis,

Bookess, 2012a.

\_\_\_\_\_. **O Capitalismo na Era da Acumulação Integral**. São Paulo, Ideias e Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. **Rosa Luxemburgo e a Autogestão Social**. Florianópolis, Bookess, 2012b.